



## SEÇÃO ARTIGOS

# A invenção da literatura mexicana: *El Renacimiento* (1869) e o nascimento do sistema literário nacional

*The Invention of Mexican Literature: El Renacimiento (1869) and the Birth of the National Literary System*

*La invención de la literatura mexicana: El Renacimiento (1869) y el nacimiento del sistema literario nacional*

**Víctor Manuel Ramos**

**Lemus<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-1529-2814](https://orcid.org/0000-0002-1529-2814)  
[victormlemus@letras.ufrj.br](mailto:victormlemus@letras.ufrj.br)

**Recebido em:** 16 jun. 2025.

**Aprovado em:** 17 jul. 2025.

**Publicado em:** 14 nov. 2025.

**Resumo:** A revista *El Renacimiento* (1869), fundada por Ignacio Manuel Altamirano, desempenhou um papel decisivo na formulação da ideia de literatura nacional e na consolidação do sistema literário no México. A partir de uma perspectiva própria da historiografia cultural da literatura, este ensaio reconstrói a trajetória de *El Renacimiento*, situando seus vínculos com revistas e associações literárias anteriores e posteriores. O objetivo é evidenciar sua relevância como marco inaugural na organização, no México, do debate sobre gerações, estilos, tradições e critérios de avaliação crítica da literatura à luz de um sistema. É esse legado fundacional que o artigo se propõe recuperar e examinar.

**Palavras-chave:** sistema literário mexicano; *El Renacimiento*; Ignacio Manuel Altamirano.

**Abstract:** The magazine *El Renacimiento* (1869), founded by Ignacio Manuel Altamirano, played a decisive role in shaping the idea of a national literature and in consolidating the literary system in Mexico. From the specific perspective of the cultural historiography of literature, this essay reconstructs the trajectory of *El Renacimiento*, situating its connections with earlier and later literary journals and associations. The aim is to highlight its significance as a foundational landmark in structuring the debate in Mexico around literary generations, styles, traditions, and criteria for critical evaluation of literature within the framework of a system. It is this foundational legacy that the article seeks to recover and examine.

**Keywords:** Mexican literary system; *El Renacimiento*; Ignacio Manuel Altamirano.

**Resumen:** La revista *El Renacimiento* (1869), fundada por Ignacio Manuel Altamirano, desempeñó un papel decisivo en la formulación de la idea de literatura nacional y en la consolidación del sistema literario en México. Desde una perspectiva propia de la historiografía cultural de la literatura, este ensayo reconstruye la trayectoria de *El Renacimiento*, situando sus vínculos con revistas y asociaciones literarias anteriores y posteriores. El objetivo es destacar su relevancia como hito fundacional en la organización, en México, del debate en torno a las generaciones, los estilos, las tradiciones y los criterios de evaluación crítica de la literatura a la luz de un sistema. Es este legado fundacional el que el artículo se propone recuperar y examinar.

**Palabras clave:** sistema literario mexicano; *El Renacimiento*; Ignacio Manuel Altamirano.



<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

*A juventude de hoje, nascida em meio à guerra e instruída pelo que testemunhou, não pretende se submeter a um novo silêncio. Tem o firme propósito de trabalhar constantemente até concretizar a criação e o desenvolvimento da literatura nacional, quaisquer que sejam as dificuldades que surgirem (Altamirano apud Treviño, 1993, p. 67)<sup>2</sup>.*

## Introdução

Em sua *Formação da Literatura Brasileira* (1997), Antonio Candido afirmou que os textos isolados não constituem literatura "propriamente dita"; pelo contrário, esta é "um sistema de obras ligadas por denominadores comuns [que são] além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados" (Candido, 1997, p. 23).

Surge, assim, a noção de sistema literário: uma totalidade orgânica em que autores, textos e estilos se articulam de maneira dinâmica. Pensar esse sistema equivale a imaginar uma Biblioteca – não uma massa amorfa de livros, mas um acervo estruturado segundo critérios de hierarquia, complementariedade, filiação e, por vezes, oposição. A organização é seu princípio constitutivo. A Biblioteca se divide em conjuntos e linhagens relativamente autônomos, que frequentemente se entrecruzam e hibridizam, dando origem, ao longo do tempo, a novas formas. Por isso, sua estabilidade é sempre provisória: fortaleza em permanente estado de sítio, a Biblioteca é atravessada por tensões constantes entre o que se considera canônico e/ou marginal.

Contudo, o sistema literário não opera em isolamento: ele se inscreve em um polissistema de cultura mais amplo, ou seja, em uma constelação complexa de sistemas que se sobrepõem, se intersectam e coexistem. Nas palavras de Itamar Even-Zohar (2007, p. 3), trata-se de "um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas com interseções e superposições mútuas, que utiliza diferentes opções concorrentes, mas que

funciona como um todo único e estruturado, cujos membros são interdependentes". Esse funcionamento múltiplo se dá dentro daquilo que Iuri Lotman (1996, p. 12) denominou "semiosfera": o espaço simbólico no qual todo o espaço semiótico "[...] pode ser considerado como um mecanismo único (se não como um organismo). [...] A semiosfera é o espaço semiótico fora do qual é impossível a própria existência da semiose".

A literatura mexicana do século XIX, nesse sentido, não pode ser pensada à margem do tecido simbólico que a envolve e a atravessa, a saber: do discurso gráfico dos periódicos e revistas então em circulação; das imagens construídas pelos quadros de costumes, tão em voga na época; das peças teatrais que alimentavam o imaginário dos letrados; dos discursos sobre literatura, educação e nação pronunciados nos salões das associações e nas tertúlias, tão recorrentes naquele contexto. Esses elementos compõem o horizonte de inteligibilidade no qual a produção literária se inscreve e adquire sentido.

É sob esse horizonte que se deve compreender o caso de *El Renacimiento*, revista literária mexicana do final da década de 1860, que marca um momento decisivo no surgimento de um sistema literário nacional. Sua importância vai além do reconhecimento que ela própria fez de sua filiação a associações como La Academia de Letrán e El Liceo Hidalgo, ou a publicações como *El Recreo de las Familias*; tampouco se limita ao impulso que ofereceu às gerações seguintes, entre elas os modernistas, com suas revistas *Revista Moderna* e *Savia Moderna*. Seu legado mais significativo reside na capacidade que teve de condensar, integrar e dar organicidade a ideias, projetos e discursos que, até então, circulavam de forma fragmentária e sem uma formulação clara ou sistemática, especialmente ao articular três dimensões centrais que orientariam o projeto de uma literatura mexicana autônoma. Em primeiro lugar, um compromisso patriótico, que confere à literatura a tarefa de representar os costumes, valores e tipos sociais da nação, contribuindo na

<sup>2</sup> A partir daqui, todas as traduções ao português são de minha autoria, exceto quando se indique nas obras citadas nas Referências ao final deste artigo.

construção de um imaginário coletivo. Em segundo lugar, uma função pedagógica, que concebe a literatura como instrumento de formação cívica e moral, voltado à criação do cidadão. Por fim, uma aspiração estética, que reivindica o cultivo do belo como meio de elevação espiritual e de inserção do México no concerto das nações modernas e culturalmente refinadas.

Esse tripé (nação, educação, arte) constitui a base simbólica sobre a qual, graças a *El Renacimiento*, se formulará explicitamente o sistema literário mexicano de finais do século XIX. Ignacio Manuel Altamirano, como articulador dessas dimensões, não apenas inaugura uma nova etapa na história literária do país, mas projeta para ela um horizonte de legitimidade cultural e ambição civilizatória.

### As armas e as letras

Com a Guerra da Independência (1810–1821), emergiriam duas pautas culturais que marcariam de forma decisiva o século XIX e boa parte do XX: os debates em torno da identidade do mexicano e a ambição por construir uma literatura nacional. Graças à figura do letrado (esse mediador entre a palavra e o poder, entre o imaginário e a ordem, tal como formulado por Ángel Rama em *La ciudad letrada*), campo literário e campo político se entrelaçam profundamente no México.

Desde 1810, e até 1867, independentistas e realistas, liberais e conservadores, republicanos e monarquistas, modernos (seja lá o que isso significasse naquele momento) e defensores retardatários do antigo regime cruzaram armas e letras na disputa pela pátria. Esses embates ocorreram em todos os planos, durante períodos de guerra e de paz.

Em *El círculo burgués* (2009, p. 30), Maurice Agulhon define a sociabilidade como "a densidade e a vitalidade dos grupos sociais organizados [...] para viver intensamente as relações públicas". O século XIX mexicano, desde cedo, fez da literatura um ofício partilhado. Em "arcádias, sociedades, academias, salões literários, liceus, ateneus, tertúlias, e até mesmo tipografias", formaram-se redes nas quais a palavra circulava

"em distintos espaços, tanto públicos quanto privados, nos quais os letrados apresentavam e compartilhavam suas composições literárias para que fossem comentadas e avaliadas por seus confrades" (Martínez Luna, 2018, p. 12). O sentido dessas agremiações residia em "favorecer a integração do sujeito letrado nas instituições, nos padrões de sociabilidade e nos mecanismos de obtenção de promoção social e prestígio próprios do mundo dos literatos" – o que revela que a articulação entre literatura e política contribuía na "consagração de uma trajetória intelectual" (Martínez Luna, 2018, p. 14).

Com a *Arcadia de México* (1808-1812), surgiu o primeiro impulso por um sistema literário propriamente mexicano – já não mais "novohispano", esse que, como afirmou José Joaquín Blanco (2002, p. 25-26), ainda relutava em se afastar dos modelos espanhóis e peninsulares.

Segundo Jorge Ruedas de la Serna, a *Arcadia de México* foi decisiva na configuração do sistema literário nacional porque fomentou a criação de uma comunidade literária local ao reunir escritores e leitores em torno de uma língua, de códigos culturais e de referenciais compartilhados que começavam a delinear uma identidade própria. Ao estabelecer a literatura como uma instituição social por meio de espaços de publicação como o *Diario de México* (1805-1817), possibilitou a formação de um público leitor nacional. Por fim, ao promover valores ilustrados e uma organização interna baseada na crítica, na participação e na igualdade entre seus membros, a *Arcadia* encarnou um modelo alternativo às hierarquias do antigo regime, projetando uma visão moderna e emancipadora da cultura letrada (Ruedas de la Serna, 2010, 2013, *passim*).

Instituições criadas pelos letrados – por exemplo, a Academia de Letrán (1836–1838), o Ateneo Mexicano (1840–1850) e o Liceo Hidalgo (1850–1867) – e periódicos como *El Recreo de las Familias* (1837–1838) foram decisivos na condição de espaços de encontro e formulação de propostas literárias e culturais para a nova nação. Em um país onde tudo estava por ser feito e edificado, como já se disse, atribuíram-se à literatura

três missões fundamentais: de matriz iluminista, uma função pedagógica que a concebia como instrumento de formação racional, moral e cívica, essencial ao surgimento de um novo sujeito republicano; de inspiração romântica, um encargo patriótico que lhe atribuía o papel de representar os costumes, os tipos sociais e a paisagem nacional, contribuindo para a construção imagética da identidade mexicana; e, por fim, prenunciando a modernidade literária, um anseio estético, ainda vacilante e atravessado por tensões, que aspirava afirmar a autonomia da literatura como espaço de elaboração formal e sensível.

Nesse ponto, vale destacar um dos textos mais emblemáticos do período: "Utilidad de la literatura en México". Nessa palestra, proferida em abril de 1844 no Ateneo Mexicano, e publicada em julho do mesmo ano, no jornal *El Siglo XIX*, Luis de la Rosa (importante figura do liberalismo mexicano, fundador de diversos periódicos, e que exerceu cargos como Ministro da Fazenda, da Justiça, das Relações Exteriores, além de presidir a Suprema Corte de Justiça da Nação) questionou o célebre *Prefácio de Cromwell* (1827), de Victor Hugo, considerado pedra angular do romantismo francês. Segundo o crítico literário Víctor Díaz Arciniega (2014, p. 84), a intervenção constitui uma resposta cifrada ao prefácio hugoano:

De la Rosa difere em forma rotunda de Hugo a partir da noção do conceito básico de literatura. O mexicano a concebe como uma atividade cultural, enquanto o francês a propõe como uma expressão artística; o primeiro procura, através da literatura, a criação e a conformação de uma tradição cultural, e o segundo, aspira à transformação da arte; naquele, é possível perceber os propósitos instrutivos pregados pelo neoclassicismo, e neste, escuta-se a beligerância do romantismo. Por último, De la Rosa concebe a literatura como um meio útil para a sociedade, e Hugo, como um fim estético.

Vemos, aqui, condensar-se um dos dilemas centrais da literatura mexicana nascente: de um lado, a urgência de construir uma cultura nacional útil e formativa; do outro, a relutância em afirmar a literatura como campo autônomo de criação artística. No contexto da formação dessa tradição, o episódio revela o quanto estética e política se entrelaçavam desde os seus primórdios.

Convém lembrar que poetas e escritores (que não melindravam em recorrer às armas no campo de batalha) permaneciam profundamente divididos em seus projetos políticos e culturais. Entre 1863 e 1867, o México, governado por Maximiliano de Habsburgo, com o apoio dos conservadores, assumiu pela segunda vez em sua história a forma de império. O confronto com os liberais, liderados por Benito Juárez, terminou com a vitória destes. O desfecho veio em 1867, no Cerro de las Campanas: Maximiliano foi fuzilado, ato que não apenas pôs fim às pretensões das potências europeias de intervir diretamente no país, como também marcou o encerramento da longa e fragmentada guerra pela independência, iniciada em 1810. Como se vê, esse processo resultou em décadas de conflitos internos, na perda de metade do território para os Estados Unidos e em um rastro de destruição que exigiria um longo e árduo esforço de reconstrução.

É nesse contexto de ruínas e recomeço que surge, com nome tão emblemático quanto oportuno, *El Renacimiento*.

### Altamirano busca seus pares

Ignacio Manuel Altamirano (1834–1893) é uma figura emblemática da literatura mexicana do século XIX. De origem indígena, teve acesso à educação formal graças à mediação de Ignacio Ramírez (o mais proeminente intelectual liberal de seu tempo), conhecido por seu anticlericalismo e sua defesa do laicismo, razão pela qual se autodenominava "El Nigromante". Foi ele quem intermediou a concessão de uma bolsa de estudos a Altamirano, que iniciou sua formação no Instituto Literário de Toluca, onde se dedicou ao estudo do espanhol, do latim, do francês e da filosofia (Giron, 1996, p. 257; Martínez, 1993, p. 145).

Sua formação prosseguiu no Colegio de San Juan de Letrán, na Cidade do México, com estudos em filosofia e direito. Paralelamente, teve destacada atuação em associações culturais e acadêmicas, como o Conservatório Dramático Mexicano, a Sociedad Nezahualcóyotl, a Sociedad Mexicana de Geografía y Estadística e o Liceo Hidalgo. Em 1870, ingressou na maçonaria,

o que expressa sua adesão aos ideais liberais e anticlericais que marcaram sua época.

A carreira de Altamirano abrangeu o magistério, o direito, a diplomacia e a literatura. Lecionou em instituições centrais para o projeto educacional liberal, como a Escuela Nacional Preparatoria, a Escuela Superior de Comercio y Administración, e a Escuela Nacional de Maestros. No campo jurídico, exerceu cargos como fiscal, magistrado, presidente da Suprema Corte de Justicia da Nação e procurador-geral da República. Também atuou como cônsul do México em Barcelona e Paris.

No plano cultural, teve papel destacado como fundador e colaborador de periódicos como El Correo de México, El Federalista, La Tribuna e La República. Sua produção intelectual abrange crítica literária, ensaísmo, história literária e ficção.

Altamirano também participou ativamente dos conflitos armados de seu tempo, como a Revolución de Ayutla, a Guerra de Reforma e a resistência à intervenção francesa. A partir de 1861, exerceu mandatos como deputado federal, com ênfase na defesa da educação pública, laica e obrigatória, uma das principais bandeiras do liberalismo mexicano.

Com a República Restaurada (1867), Benito Juárez reassumiu o poder sob críticas e expectativas frustradas. As eleições daquele ano marcaram uma ruptura dentro do liberalismo mexicano. Ao incluir na convocatória um plebiscito para reformar a Constituição (medida vista como autoritária e inconstitucional), Juárez provocou a cisão do partido liberal e o surgimento de uma oposição liderada por escritores como Altamirano, Vicente Riva Palacio (importantíssimo político, jurista, filósofo, historiador, jornalista e ficcionista, autor de romances históricos extensos como *Martín Garatuza* e *Calvario y Tabor*), Ignacio Ramírez e José Tomás de Cuéllar (além de político e diplomático, um destacado jornalista e romancista, autor de *La Linterna Mágica*, uma série de relatos que pretendiam ser a *Comédia humana* mexicana), que apoiaram a candidatura de Porfirio Díaz. Embora o plebiscito tenha sido rejeitado, Juárez foi reeleito, e os opositores foram excluídos da esfera política.

Ignacio Manuel Altamirano enfrentava sérias dificuldades financeiras: como coronel de cavalaria, acumulava salários atrasados. Ainda assim, decidiu fundar o jornal *El Correo de México*, com o objetivo de apoiar a candidatura de Porfirio Díaz. Comprometido com o projeto, percorreu o país em campanha, tornando-se uma das figuras mais visíveis da oposição (Hernández, 2017). Após a derrota eleitoral, seu desencanto chegou aos ouvidos de Díaz, que comentou: "Me surpreende muito o sentimento de *Nacho*... na lista eleitoral estávamos os amigos, obrigados a lutar com eficácia, e não necessariamente a vencer" (Cruz, 2022). Em carta dirigida ao general, Altamirano confessou que o jornal, até então bastião da oposição, deixaria de circular no dia seguinte por falta de recursos.

Nos últimos meses de 1867, enquanto o governo de Juárez anunciava a criação da Escuela Nacional Preparatoria, a vida literária da Cidade do México começava a se reanimar. Fiéis à sua vocação, escritores de distintas orientações ideológicas voltaram a se reunir em tertúlias informais, marcadas por um espírito de cordialidade, para compartilhar textos, realizar leituras e trocar comentários e críticas. Inspirada na antiga Academia de Letrán, a iniciativa visava renovar os laços intelectuais e abrir espaço para novos escritores e poetas.

A primeira dessas reuniões ocorreu no final de novembro, na casa de Luis Gonzaga Ortiz (poeta conhecido por suas composições eróticas sob o pseudônimo de Heberto), que tomou a iniciativa de convidar seus amigos para ouvir e comentar *Los misioneros de amor*, comédia do espanhol Enrique de Olavarría y Ferrari. O êxito do encontro levou Ortiz, Ignacio Manuel Altamirano e José Tomás de Cuéllar a proporem sua continuidade, dando origem às chamadas *Veladas Literarias*. Realizadas em diferentes residências, essas reuniões (ao todo, doze) contaram com a participação dos principais nomes da cena cultural mexicana da época (Perales Ojeda, 2000a).

"A segunda velada literária aconteceu no dia 4 de dezembro de 1867, em um pequeno e confortável salão na modesta casa de Altamirano. A

bela simplicidade e a franqueza que caracterizavam o homem marcaram a atmosfera de sua morada" (Bleznick, 1952, p. 346). A tertúlia contou com a leitura de poemas, ensaios, improvisações e música. Guillermo Prieto (notável intelectual e cronista do México do século XIX) declamou versos; José Tomás de Cuéllar leu *Los Árboles*; Manuel Peredo (notável acadêmico, tradutor, dramaturgo, jornalista e crítico literário) apresentou comentários sobre Horácio; e o próprio Altamirano recitou poemas dedicados ao rio Atoyac, que atravessa sua terra natal, Guerrero. Mais do que o reencontro de velhos amigos, o evento simbolizou o renascimento da vida literária na capital, em um dezembro até então marcado por frustrações políticas.

Nas *Veladas Literarias*, Altamirano destacou-se como figura central. Mais do que idealizador, foi o articulador e o impulsionador intelectual dos encontros, assegurando não apenas sua continuidade, mas também a circulação dos textos apresentados. Por sua iniciativa, uma seleção de poemas, discursos e ensaios foi publicada nas *Revistas Literarias de México*, cadernos mensais editados entre 1867 e 1868, que hoje constituem um registro valioso do ambiente literário e do espírito de colaboração que marcaram aquelas reuniões. Nessa publicação, Altamirano escreveu, de maneira célebre:

A reunião que assiste às *veladas literarias* é o apostolado do porvir. Ali se escuta o acento sublime da ode, a voz vibrante do canto guerreiro, as notas suspirantes da trova amorosa, a voz risonha da burla. Ali a sátira fala sua linguagem mordaz e tremenda, a crítica analisa os monumentos literários das nações estrangeiras, o romance e a lenda arrebatam a imaginação. A glória espia sorrindo à juventude, sinalizando-lhe o céu. A literatura mexicana não pode mais morrer. Deste santuário sairão novamente outros profetas da civilização e do progresso, que concluirão a obra de seus predecessores. Então Ramirez, Cardoso, Prieto e os demais patriarcas da primeira geração, curvados pelo peso de uma velhice ilustre, irão dormir em seus túmulos, tranquilos, porque deixam em sua pátria discípulos dignos que os recordarão com lágrimas e que lhes tributarão o culto mais grato para eles... a imitação de seus trabalhos e de suas virtudes (Altamirano, 1868, p. 16-17).

Como é possível observar, Altamirano susten-

tava que a literatura deveria desempenhar uma função pública: consolidar a identidade nacional e contribuir para a coesão social do México. As *Veladas Literarias* ilustram de forma exemplar o papel decisivo da sociabilidade na consolidação de um campo cultural nacional. Revelam que a literatura não surge de impulsos isolados, mas de redes de diálogo e de um trabalho coletivo, em que a troca de ideias e experiências nutre o projeto criador dos escritores. Como escreveu Pierre Bourdieu (1967, p. 135), "a relação que um criador mantém com sua obra e, portanto, a própria obra, é afetada pelo sistema de relações sociais nas quais a criação se realiza como ato de comunicação ou, com mais precisão, pela posição do criador na estrutura do campo intelectual".

Embora celebradas com entusiasmo, as *Veladas Literarias* duraram apenas seis meses. Entre os motivos para sua suspensão, destacava-se a ostentação de algumas das residências que sediaram os encontros, como as de Riva Palacio e Schiaffino, o que constrangia os participantes com menos recursos, e a percepção de que tal luxo contrastava com a pobreza e o luto que ainda marcavam amplos setores da nação. Segundo Olavarría y Ferrari, foi o próprio Altamirano que decidiu encerrá-las, com a anuência dos demais envolvidos.

Merece destaque o que Altamirano disse ao jovem poeta pós-romântico Juan de Dios Peza, que frequentava as *Veladas* e tinha apenas 15 anos de idade: "Agora sim, meu filho [...] Estude muito e escreva sem medo. A literatura renasceu e é preciso cantar à pátria livre e unida" (Altamirano *apud* Hernández, 2017).

### **El Renacimiento: um projeto literário e de nação**

No México do século XIX, marcado por embates políticos e sucessivas intervenções estrangeiras, a literatura e a imprensa desempenharam um papel decisivo na articulação dos grupos em disputa, evocando de forma recorrente a ideia de uma identidade nacional. Foi nesse contexto que *El Renacimiento* se consolidou como emblema do esforço de reconstrução cultural empreen-

dido após a intervenção francesa, no cerne da República Restaurada.

A primeira época da revista (não trataremos aqui da *Segunda*, 1894, que já não foi dirigida por Altamirano, mas por Enrique de Olavarría y Ferrari, e editada por Francisco Díaz de León) começou a circular em 2 de janeiro de 1869, trazendo na capa uma imagem emblemática: a ave Fênix renascendo das cinzas, metáfora clara do ressurgimento do México e de sua literatura após a guerra. A gravura, assinada pelo renomado desenhista Hesiquio Iriarte, sintetizava de maneira exata o espírito da publicação. Impressa por Francisco Díaz de León e Santiago White, *El Renacimiento* propunha-se reunir escritores de diferentes orientações ideológicas em torno de um ideal comum: consolidar uma "república das letras" e promover a independência cultural do México (Illades, 2004, p. 60).

Fundada por Ignacio Manuel Altamirano, em parceria com o jornalista e diplomata Gonzalo Aurelio Esteva, a revista representou um marco na afirmação da identidade cultural nacional após anos de instabilidade política. Graças ao financiamento de Esteva e à direção compartilhada entre os dois fundadores, a publicação conseguiu atrair mais de sessenta colaboradores de distintas correntes literárias e políticas. Após cerca de seis meses, Altamirano assumiu sozinho a direção editorial, contando ainda com o apoio técnico dos impressores Díaz de León e White.

O espírito de reconstrução que animava *El Renacimiento* refletia o propósito de criar um espaço de diálogo e colaboração entre letrados de diferentes orientações políticas. "Agora, ao fundar a benemérita revista *El Renacimiento. Periódico Literario*, com a nobreza da tolerância e do perdão, convoca conservadores e liberais a trabalharem juntos na criação de uma literatura nacional, com projeção universal" (Altamirano *apud* Díaz y de Ovando, 2003, p. 274). Nesse sentido, a publicação não apenas visava fortalecer a literatura mexicana, mas também contribuir para a unidade do país por meio do entendimento mútuo e da reflexão compartilhada.

No primeiro número, Ignacio Manuel Alta-

mirano fez um balanço dos avanços literários e científicos da década de 1860, destacando o trabalho de figuras como Manuel Orozco y Berra, historiador e geógrafo reconhecido por seus estudos sobre as culturas indígenas pré-hispânicas; Francisco Pimentel, linguista e pensador que investigou as línguas indígenas e as desigualdades sociais; e Joaquín García Icazbalceta, bibliógrafo e historiador, célebre por suas edições críticas de crônicas coloniais.

*El Renacimiento* foi escrita e dirigida por alguns dos mais proeminentes escritores mexicanos de seu tempo. O editor principal da revista foi Gonzalo A. Esteva, enquanto a redação contou com nomes de destaque como os já mencionados Ignacio Ramírez, Guillermo Prieto e Justo Sierra – este último, um dos promotores do positivismo e da educação pública no México. Com o tempo, a equipe se expandiu com contribuições de diversos escritores e poetas de distintas tendências, entre eles: José Tomás de Cuéllar, já referido; José María Roa Bárcena, historiador e poeta conservador de estilo erudito; Juan Alberto Mateos, jornalista e dramaturgo liberal; Manuel Carpio, poeta neoclássico reconhecido por seus sonetos religiosos; Manuel Acuña, jovem poeta romântico de trágico destino, célebre por sua poesia melancólica; José Peón Contreras, dramaturgo e poeta; Casimiro Collado, jornalista crítico e humorista de espírito liberal; Ignacio Mariscal, jurista, diplomata e ensaísta, ligado ao projeto republicano; entre outros. A revista também acolheu a colaboração de algumas escritoras: Soledad Manero de Ferrer, Gertrudis Tenorio Zavala, Esther Tapia de Castellanos, María del Carmen Cortés, Isabel Prieto de Landázuri, Manuela L. Verna e Constanza Vereá – vozes femininas que marcaram presença num espaço dominado por homens (Illades, 2004, p. 60-61).

A publicação contou com mais de cem autores mexicanos, e também trouxe traduções de obras de escritores estrangeiros, como Lamartine, Musset, Victor Hugo, Goethe, Schiller, Byron e Poe.

*El Renacimiento* foi uma revista de marcado caráter pedagógico e educativo, o que explica a diversidade de temas abordados em suas pági-

nas. Cultivou o pensamento filosófico e acolheu saberes variados, incluindo a linguística, tratada por autores como Ignacio Ramírez, Francisco Pimentel e Oloardo Hassey. Publicou ensaios, traduções e crônicas sobre literatura, história e ciências, além de colunas especializadas que buscavam formar o gosto e o juízo crítico dos leitores. Nesse sentido, pode-se dizer que a revista operava como uma verdadeira escola republicana de letras e ideias. E acima de tudo: assumiu um claro projeto de formação nacionalista. Suas páginas estavam repletas de imagens e litografias (muitas delas, assinadas por Hesiquio Iriarte e Hipólito Salazar), que representavam paisagens naturais, monumentos históricos e antiguidades pré-hispânicas, compondo uma iconografia da pátria em construção. A publicação oferecia crônicas sobre festas populares, como as de José Tomás de Cuéllar, e efemérides nacionais, como as de Ignacio Cornejo, registrando costumes, celebrações e episódios do calendário cívico. Reforçava-se, assim, o valor das tradições como alicerce da identidade nacional. Também eram frequentes as resenhas de livros mexicanos sobre direito, geografia e história, que revelavam uma valorização sistemática do saber nacional e dos chamados “tesouros” do passado indígena. Nesse registro, destacam-se os estudos sobre os monólitos mexicas de Alfredo Chavero, os tesouros arqueológicos de Tabasco apresentados por Pedro C. Paz e os textos de Manuel Orozco y Berra sobre os conquistadores espanhóis, que buscavam compreender o México colonial a partir de uma perspectiva crítica. A crônica semanal de Ignacio Manuel Altamirano, por sua vez, percorria escolas, museus e paisagens urbanas, compondo uma cartografia sentimental do país em transformação.

No entanto, a revista não se limitava ao espaço nacional. Aberta ao legado intelectual e estético do mundo, *El Renacimiento* também publicava traduções de obras fundamentais da “literatura universal”, como *O Corvo*, de Edgar Allan Poe, vertido por Ignacio Mariscal; *Mazeppa*, de Byron, traduzido por José María Roa Bárcena; ou *O Lago*, de Lamartine, apresentado por Ricardo Ituarte.

Havia, ainda, espaço para poesia e homenagens, como a ode de Isabel Prieto de Landázuri dedicada a Victor Hugo, que simbolizava a admiração pelo romantismo europeu e sua vocação emancipadora. Dessa maneira, a revista articulava a construção de uma literatura nacional com o diálogo cosmopolita, numa tentativa de inserir o México no mapa cultural do século XIX.

Altamirano defendia que a literatura deveria servir à pátria e à sociedade, inspirando-se no modelo do romance social europeu. Para ele, a literatura não deveria ser apenas moralizante, mas também crítica e transformadora. Comparou a narrativa francesa e a inglesa, destacando Charles Dickens como um modelo a ser seguido devido a sua capacidade de refletir a realidade social sem exageros. Considerava que os romancistas franceses frequentemente sacrificavam a moral em prol de uma narrativa impactante e exagerada, enquanto Dickens conseguia uma prosa simples e comprometida com os setores marginalizados (Illades, 2004, p. 62). Homem da era do romance, atribuía a este gênero um papel central na formação cultural e política do México:

O romance é, indubitavelmente, a produção literária que é vista com mais agrado pelo público, e cuja leitura se tornou hoje mais popular. Poder-se-ia dizer que é o gênero literário mais cultivado no século XIX e o artifício com que os homens pensadores da nossa época conseguiram fazer descer às massas doutrinas e opiniões que, de outro modo, teria sido difícil fazê-las aceitar. O romance hoje não é mais um conto estúpido, forjado por uma imaginação desordenada que não respeita limites em suas criações, com o único objetivo de proporcionar recreação e alívio aos espíritos ociosos, como as absurdas lendas de cavalaria que o famosíssimo livro de Cervantes veio pôr fim. Não: o romance hoje ocupa um patamar superior e, embora revestido dos enfeites e atrativos da fantasia, é necessário não o confundir com a lenda antiga; é necessário apartar seus disfarces e buscar no fundo dele o fato histórico, o estudo moral, a doutrina política, o estudo social, a pregação de um partido ou de uma seita religiosa; enfim, uma intenção profundamente filosófica e transcendental nas sociedades modernas (Altamirano, 1868, p. 17-18).

Durante o período em que *El Renacimiento* esteve em circulação, ganharam força os debates sobre a posição da literatura mexicana no panorama das tradições europeias. Já circulava entre

os intelectuais da época a noção de *Weltliteratur*, cunhada por Goethe, termo que aparece em uma conversa registrada por Johann Peter Eckermann em *Conversações com Goethe* (1827), na qual o autor alemão afirma: "A literatura nacional não significa muito agora; a época da literatura mundial começa, e todos devem contribuir para acelerar seu advento" (Goethe *apud* Moretti, 2000, p. 65). Essa concepção pressupunha o reconhecimento recíproco entre culturas e a inserção das literaturas nacionais em um circuito mais amplo de intercâmbio e comparação estética.

Nesse espírito, os escritores mexicanos começaram a refletir com mais acuidade sobre as origens, os valores e as particularidades de sua própria tradição literária. Ainda que houvesse certo otimismo quanto ao futuro das letras nacionais, reconhecia-se também que a literatura mexicana se desenvolvia sob condições adversas, marcadas por crises políticas e instabilidade institucional, o que a colocava, em termos de "maturação estética", em desvantagem em relação às literaturas da Europa. Ao mesmo tempo, consolidava-se a noção de que a literatura não devia restringir-se ao campo da moral ou da política: também era arte, forma e beleza, um cultivo do gosto, da imaginação e do estilo.

As discussões sobre as origens da literatura mexicana buscavam estabelecer uma genealogia própria. Para José Tomás de Cuéllar, por exemplo, suas raízes remontariam ao império asteca, em que já existia uma expressão poética rica, mesmo que de tradição oral. Para ele, o período colonial, embora frequentemente descrito como uma fase de escuridão literária, teria produzido, ainda assim, figuras de altíssimo valor, como Sor Juana Inés de la Cruz (considerada a primeira grande intelectual do continente), Juan Ruiz de Alarcón, dramaturgo mestiço reconhecido na Espanha, e o historiador Francisco Javier Clavijero, cuja obra foi fundamental na revalorização das culturas indígenas. Com a independência, ter-se-ia aberto um novo horizonte para a criação literária, mais afinado com os ideais de soberania e modernidade. Escritores como Francisco Manuel Sánchez de Tagle e José María Heredia, cubano avizinado

no México, tornaram-se nomes centrais nesse processo de transição e afirmação cultural. Já na República Restaurada, acreditava-se que o México ingressava, enfim, em uma etapa verdadeiramente promissora para as letras nacionais, momento em que *El Renacimiento* se propôs a ser, ao mesmo tempo, registro, catalisador e símbolo dessa nova era literária.

Em outubro de 1869, após menos de um ano de circulação, *El Renacimiento* deixou de ser publicada. O fim da revista deveu-se, sobretudo, aos altos custos de impressão e à dificuldade de garantir sua sustentabilidade financeira (Illades, 2004, p. 63), um destino comum às publicações periódicas do século XIX, cuja existência costumava ser breve e marcada por incertezas materiais. No entanto, o encerramento da revista não significou o fracasso de seu projeto; em sua despedida, Ignacio Manuel Altamirano afirmou que os objetivos haviam sido cumpridos: o país vivia um crescimento notável das publicações literárias, e o meio intelectual dava sinais de maior coesão e entendimento – frutos, em parte, do esforço de mediação cultural promovido pela revista.

É preciso destacar que nas páginas de *El Renacimiento* foi publicado, em forma de folhetim, o romance *Clemencia*, do próprio Ignacio Manuel Altamirano (Giron, 2005, p. 365). Nessa obra, o autor construiu uma história de amor ambientada na então recente guerra contra a intervenção francesa, conflito do qual participou ativamente e cuja experiência, como escreveu o notável crítico literário José Luis Martínez (1993, p. 152), serviu de "animado fundo histórico sobre o qual teceu com habilidade as opostas aventuras românticas de dois oficiais mexicanos". Embora a estrutura ainda obedecesse ao modelo romântico e o enredo se organize em torno de um triângulo amoroso, Altamirano foi além do puro folhetim, conferindo ao enredo uma dimensão moral explícita: "o bem modesto triunfa sobre o brilho enganoso do mal" (Martínez, 1993, p. 152), uma compensação moral típica das comédias do dramaturgo Juan Ruiz de Alarcón, que Altamirano tinha como modelo. No entanto, como observa Martínez (1993, p. 152),

“as melhores páginas de *Clemencia* não são as que contam essa fábula”, mas, sim, “as discretas estampas de costumes e as emotivas descrições de uma bela cidade mexicana, Guadalajara, que pintam o ambiente em que aquela ação ocorre”. Esses elementos, segundo o crítico, conferem à obra um valor estético inédito para a época, tornando-a “o primeiro romance realizado [no México] com claros propósitos e consciência artísticos” (Martínez, 1993, p. 153). A harmonia entre linguagem, construção de personagens e ambientação revela, para ele, um projeto literário coeso, capaz de dominar seus meios expressivos e formular uma estética da sobriedade. Diferente da narrativa então predominante, marcada por uma “pletora imaginativa” e pelo artifício folhetinesco da curiosidade em suspense, Altamirano propôs uma forma contida e disciplinada, que antecipa o realismo da prosa mexicana nas décadas seguintes (Martínez, 1993, p. 153). Diante de seus contemporâneos, como Vicente Riva Palacio ou José Tomás de Cuéllar, Altamirano optou por um romance breve e concentrado, que fez de sua “pobreza inventiva” uma virtude: “uma lição a mais para a selvática riqueza das letras de seu tempo” (Martínez, 1993, p. 153).

### Conclusão: em torno à ideia de uma literatura nacional

A constituição dos sistemas literários na modernidade, mesmo acompanhada da incômoda noção de cânone, teve o mérito de instaurar e organizar o debate, fixando os termos em que ele poderia (e deveria) ocorrer. Ao se instituir hierarquias e genealogias entre autores, obras e estilos, situando cada elemento em sua constelação histórica e simbólica; ao se estabelecer gêneros, atribuindo-lhes funções e valores específicos; ao se colocar em cena a pergunta pelo valor e pela utilidade da literatura; ao se pensar a tensão entre literatura nacional e mundial; e ao se articular a produção literária com outras esferas da cultura e da vida social – criaram-se as condições para o vigoroso debate que temos hoje sobre literatura.

No México do século XIX, esse gesto fundacional tomou corpo na revista *El Renacimiento*, que,

ao recuperar ideias previamente formuladas, lhes deu forma segundo os princípios da modernidade em curso, abrindo caminho para a configuração da literatura que viria a se afirmar nas décadas seguintes. Para contextualizar esse processo e dar inteligibilidade ao que foi dito, é pertinente uma breve referência à Academia de Letrán, ao Liceo Hidalgo e à publicação *El Recreo de las Familias*, atores fundamentais na articulação das primeiras propostas de uma literatura nacional.

Fundada em 1836, a Academia de Letrán desempenhou um papel decisivo na formulação da ideia de uma literatura mexicana, ao reunir jovens escritores empenhados em forjar uma identidade nacional por meio das letras. Inspirada pelos ideais românticos e patrióticos da independência, buscava romper com os modelos coloniais e afirmar uma voz própria para a nova república. Seus membros (entre eles, Andrés Quintana Roo, José María Lacunza e o jovem Ignacio Rodríguez Galván) concebiam a literatura como instrumento de regeneração moral e cultural, capaz de consolidar valores e projetar um imaginário coletivo autêntico. Ao valorizar temas nacionais, paisagens locais, heróis da pátria e formas de expressão enraizadas na realidade mexicana, a Academia (da qual Altamirano fez parte em sua juventude) antecipou o programa que *El Renacimiento*, décadas mais tarde, viria a sistematizar: a literatura como expressão do espírito nacional e força ativa na construção do México (Campos, 2004, *passim*).

O Liceo Hidalgo, fundado em 1850, foi uma das instituições culturais mais importantes do México do século XIX. Herdando o impulso patriótico da Academia de Letrán, o Liceo aprofundou o vínculo entre literatura, instrução pública e identidade nacional, reunindo intelectuais, escritores e cientistas em torno de um projeto comum de modernização cultural do país. Em suas sessões e publicações, buscava promover o cultivo das letras mexicanas, estimular o uso da língua espanhola com tonalidade local e integrar o saber literário às necessidades sociais e políticas da jovem república. O Liceo também foi um espaço de formação e projeção de novas gerações de

escritores, como Ignacio Manuel Altamirano, que ali iniciou sua trajetória pública e absorveu a ideia de que a literatura deveria estar a serviço da educação cívica e da afirmação de um México laico e autônomo (Perales Ojeda, 2000b, *passim*).

Quanto à revista *El Recreo de las Familias* (1837–1838), dirigida por Ignacio Rodríguez Galván, pode ser vista como um glorioso, ainda que efêmero, antecedente de *El Renacimiento*. Em apenas seis meses, essa publicação ensaiou os primeiros movimentos rumo a uma literatura nacional, ao buscar reduzir a presença estrangeira em suas páginas e privilegiar autores mexicanos. Sua crítica ao domínio cultural da França e a relação ambígua com a tradição espanhola revelavam um desejo inicial de autonomia estética. Mais que resistência, o *Recreo* propôs uma reorientação: ao traduzir Goethe, Winckelmann e outros autores alemães, sugeria caminhos alternativos ao modelo francês hegemônico, ampliando o repertório de influências possíveis para a formação de um cânone próprio. Para Rodríguez Galván, a literatura não era mero entretenimento, mas instrumento político e pedagógico, capaz de formar cidadãos conscientes de sua história e identidade. Apesar das limitações materiais e do escasso impacto imediato, a revista lançou as bases de um projeto que Altamirano, décadas depois, levaria adiante com maior alcance e sistematização (Kurz, 2009, *passim*).

Herdeiro desses antecedentes, Ignacio Manuel Altamirano concebeu a literatura como um instrumento decisivo na construção da nação. Ao privilegiar o romance, defendeu um realismo voltado à educação popular e à afirmação de uma identidade genuinamente mexicana. Segundo Blanca Estela Treviño (1993, p. 68–69), Altamirano atribuía ao romance uma função simultaneamente formadora e nacional. Pensado como o “livro das massas”, esse gênero deveria cumprir um papel de pedagogia cívica e operar como meio de difusão ideológica, capaz de traduzir e tornar acessíveis ao grande público os conteúdos mais complexos de outros domínios do saber (como a filosofia, a história e as ciências) que nele se condensam e se transfiguram.

Apesar de suas limitações, *El Renacimiento* consolidou, pela primeira vez, as bases sólidas para pensar a literatura mexicana como um componente essencial da formação nacional. Ao propor uma literatura comprometida com a identidade do país, mas aberta ao diálogo com a *Weltliteratur*, a revista de Altamirano marcou um ponto de inflexão no campo cultural mexicano. Seu modelo, centrado no realismo, na pedagogia cívica e na centralidade do romance como instrumento educativo, influenciaria diretamente a *Revista Azul* (1894–1896) e a *Revista Moderna* (1898–1903), que, embora se opusessem aos parâmetros nacionalistas de Altamirano, herdaram sua preocupação com a formação de um cânone e sua ambição de inserção internacional.

A força desse projeto residiu na tensão que viria a provocar. O modernismo, ao reabilitar a influência francesa e afirmar a liberdade estética, não rompeu com Altamirano: instaurou uma transformação crítica. Reapropriou as influências estrangeiras não como imitação, mas como experimento, convertendo o cânone em espaço de reconfiguração. Como sintetiza Kurz: “O cânone da literatura mexicana foi estabelecido; nas publicações do grupo modernista, ele será ampliado e posto à prova [...] *El Renacimiento* é o precursor decisivo nesse contexto” (2009, p. 98–99).

Nesse processo, a literatura mexicana passou a ser um campo de tensão criativa entre o nacional e o estrangeiro, a tradição e a inovação. O próprio modernismo mexicano pressupôs o projeto de Altamirano como estrutura discursiva a ser questionada. Manuel Gutiérrez Nájera reconheceu essa autoridade ao chamá-lo de “algo como o presidente da república das letras mexicanas” (*apud* Martínez, 1999). Mesmo contestado, o cânone formulado por Altamirano permaneceu como marco de referência incontornável pelas gerações seguintes, até bem entrado o século XX.

*El Renacimiento* exerceu, assim, um papel incontornavelmente fundador. Ao congregiar gerações distintas (dos veteranos da Academia de Letrán aos jovens como Justo Sierra – este último, verdadeiro pai tutelar do Ateneo de la Juventud, ao qual pertenceram figuras como

Alfonso Reyes, Pedro Henríquez Ureña, Julio Torri e Antonio Caso), a revista articulou o debate sobre o lugar da literatura na República moderna.

Para nós, leitores do século XXI, muitos dos princípios aqui recuperados podem soar problemáticos. Ainda assim, não convém incorrer no vício do anacronismo nem ceder ao conforto do revisionismo retrospectivo.

Nesse contexto, a figura de Ignacio Manuel Altamirano adquire um papel crucial: além de escritor e ensaísta notável, foi um articulador de projetos culturais como *El Renacimiento*, revista que se consolidou como elo entre gerações unidas pela busca de uma expressão literária nacional. Seu maior mérito talvez resida na convicção de que a literatura é, antes de tudo, uma tarefa coletiva. Como observa Juan Pascual Gay (2013, p. 28), "a casa imaginária está na origem dos grupos literários da modernidade". Nesses espaços simbólicos, os escritores teceram adesões e recusas, afinidades e repulsas, forjando comunidades marcadas tanto pela convivência quanto pelo conflito, articuladas em torno de uma vontade coletiva.

Nesse horizonte de formação e pertencimento, *El Renacimiento* ocupa, sem dúvida, um lugar de destaque na formação da literatura mexicana.

## Referências

- AGULHON, Maurice. *El círculo burgués*. Trad. Margarita Polo. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2009.
- ALTAMIRANO, Ignacio Manuel. *Revistas Literarias de México*, Callejón de Espíritu Santo, n. 11, 1868.
- BLANCO, José Joaquín. *El lector novohispano*. México: Cal y Arena, 2002.
- BLEZNICK, Donald William. Mexico's Veladas Literarias, 1867-1868. *The Modern Language Journal*, [s. l.], v. 36, n. 7, p. 346-348, nov. 1952. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/319470>. Acesso: 20 mar. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual y proyecto creador. In: BARBUT, Marc et al. *Problemas del estructuralismo*. Trad. Julieta Campos, Gustavo Esteva y Alberto de Ezcurdia. México: Siglo XXI, 1967. p. 135-182.
- CAMPOS, Marco Antonio. *La Academia de Letrán*. México: Unam, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. (Momentos decisivos). v. 1 (1750-1836). 8. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- CORONADO, Xabier F. Ignacio Manuel Altamirano y la identidad nacional / 'La Semanal'. In: LA JORNADA SEMANAL, México, 18 jul. 2021. Disponível em: <https://www.jornada.com.mx/notas/2021/07/18/politica/ignacio-manuel-altamirano-y-la-identidad-nacional-la-semanal/>. Acesso: 24 maio 2025.
- CRUZ, Eunice. Las Veladas Literarias: renacimiento y reconciliación en la república de las letras. *Crónica*, [s. l.], 25 dez. 2022. Disponível em: <https://www.cronica.com.mx/opinion/veladas-literarias-renacimiento-reconciliacion-republica-letras.html>. Acesso em: 27 maio 2025.
- DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. Luis de la Rosa. In: RUEDAS DE LA SERNA, Jorge (org.). *La misión del escritor*. Ensayos mexicanos del siglo XIX. 2. ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2014. p. 83-86.
- DÍAZ Y DE OVANDO, Clementina. Publicaciones periódicas mexicanas del siglo XIX. 1856-1857 (Parte 1). Fondo Antiguo de la Hemeroteca Nacional de México. Coord. y asesoría Guadalupe Curiel y Miguel Ángel Castro. México: UNAM-Coordinación de Humanidades-DGA-PA-IIB-Seminario de Bibliografía Mexicana del siglo XIX; 2003. *Boletín*, México, v. VIII, n. 1 y 2, p. 269-275, 2003.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polisistemas de cultura*. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007.
- GAY, Juan Pascual. La morada, la casa y el cuarto de guerra: tres momentos de la literatura mexicana (1869-1927). *Hesperia*: anuario de filología hispánica, [s. l.], n. XVI-1, p. 27-43, 2013.
- GIRON, Nicole. Ignacio Manuel Altamirano. In: HISTORIOGRAFÍA mexicana. Volumen IV. En busca de un discurso integrador de la nación, 1848-1884. Coordinación general de Juan A. Ortega y Medina y Rosa Camelo; coordinación del volumen IV de Antonia Pi-Suñer Llorens. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1996. p. 257-294.
- GIRON, Nicole. Ignacio Manuel Altamirano. In: LARA, Belem Clark de; GUERRA, Elisa Speckman (ed.). *La República de las Letras*. Asomos a la cultura escrita del México decimonónico. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. p. 363-377. (Idea y regreso al siglo XIX; v. 2).
- HERNÁNDEZ, Bertha. Las Veladas Literarias: renacimiento y reconciliación en la república de las letras. *Crónica*, México, dic. 2017. Disponível em: <https://www.cronica.com.mx/notas-las-veladas-literarias-renacimiento-y-reconciliacion-en-la-republica-de-las-letras-1056085-2017.html>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- ILLADES, Carlos. Las revistas literarias y la recepción de las ideas en el siglo XIX. *Historias*, México, n. 57, p. 51-64, 2004. Disponível em: <https://revistas.inah.gob.mx/index.php/historias/article/view/12936>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- KURZ, Andreas. A la búsqueda de un canon literario mexicano: de El Recreo de las Familias a El Renacimiento. *Valenciana*, n. 4, p. 87-100, jul./dic. 2009.

LOTMAN, Iuri M. *La semiosfera*. I Semiótica de la cultura y del texto. Selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1996.

MARTÍNEZ, José Luis. *La expresión nacional*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1993.

MARTÍNEZ, José Luis. Los caciques culturales. *Letras Libres*, [s. l.], 31 jul. 1999.

MARTÍNEZ LUNA, Esther. La explicación de la historia en materia literaria. In: LUNA, Esther Martínez (coord.). *Historia de las literaturas en México: Siglo XIX*. Dimensiones de la cultura literaria en México (1800-1850). Modelos de sociabilidad, materialidades, géneros y tradiciones intelectuales. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2018. p. 3-17.

MORETTI, Franco. Conjeturas sobre la literatura mundial. *New Left Review*, [s. l.], p. 65-76, jan./feb. 2000. Disponível em: [https://newleftreview-org.translate.google/issues/ii1/articles/franco-moretti-conjectures-on-world-literature?x\\_tr\\_sl=en&x\\_tr\\_tl=es&x\\_tr\\_hl=es&x\\_tr\\_pto=tc](https://newleftreview-org.translate.google/issues/ii1/articles/franco-moretti-conjectures-on-world-literature?x_tr_sl=en&x_tr_tl=es&x_tr_hl=es&x_tr_pto=tc). Acesso em: 24 maio 2025.

PERALES OJEDA, Alicia. El Liceo Hidalgo. In: ENCICLOPEDIA de la literatura en México, ELM. México: Fundación para las Letras Mexicanas, 2000a. Disponível em: <https://www.elem.mx/estgrp/datos/123>. Acesso em: 27 maio 2025.

PERALES OJEDA, Alicia. Las Veladas Literarias. In: ENCICLOPEDIA de la literatura en México, ELM. México: Fundación para las letras mexicanas, 2000b. Disponível em: <https://www.elem.mx/estgrp/datos/132>. Acesso em: 27 maio 2025.

RUEDAS DE LA SERNA, Jorge. *La formación de la literatura nacional (1805 – 1850)*. Tomo I (Prolegómenos). México: Unam, 2010.

RUEDAS DE LA SERNA, Jorge. *La formación de la literatura nacional (1805 – 1850)*. Tomo II (Los cimientos del sistema). México: Unam, 2013.

TREVIÑO, Blanca Estela. Altamirano, las revistas literarias y la novela. *La experiencia literaria*, México, p. 67-70, 1993.

## V́ctor Manuel Ramos Lemus

Professor titular do Departamento de Letras Neolatinas da UFRJ, e do seu Programa de Pós-Graduação (PPGLEN). Possui doutorado em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura (FL/UFRJ), e estudos de pós-doutorado na UFRGS, no Brasil, e na UAM-Azcapotzalco, no México. É coautor de *Em parceria: estudos de Literatura crítica e sociedade* (Azougue, 2014), assim como coorganizador de *Estudos de TransArea em torno do conceito de "Literaturas do mundo"* (Class, 2020) e de *Cosmos Littera. Estudos de Literatura Comparada* (Zouk, 2022). Tem publicado artigos sobre diversos autores espanhóis, hispano-americanos e mexicanos em diversos meios impressos e eletrônicos.

## Endereço para correspondência

### V́CTOR MANUEL RAMOS LEMUS

Rua Paissandu 179, apto. 1104, Flamengo, 22210-085

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*